



Desmascarar tartufos Esbarrigar jesuitas
Redactor-chefe - Vilalva Junior.

Faculdade de Direito — S. Paulo, Agosto de 1908

A Bomba é o brado trovejante de todas as cóleras irremprimíveis de uma legião de moços, feridos no mais íntimo de suas convicções liberaes, que sulcando-lhes dos clarões avermelhados de um insoffreavel odio ao padre e a tudo quanto saiba a ultramontanismo, ha de ir estremunhar, na sua insupportavel arrogancia, o espirito satanizado da farraparia negra que, ameaçadoramente, corveja sobre o paiz.

A Bomba repullula-nos do mais profundo do coração, explodindo em detonações dinamicas de raivas fulvas, e arma a esvurmar a gangrenosa postema ultramontana que, em fomes soturnas de morte, ameaça corroer no paiz, o melhor de suas aptidões para o proseguimento da derrota em prol do futuro.

Ah! Elles bem sabem que no dia em que este paiz attingir o maximo do seu desenvolvimento, o escorraçar-lhes daqui com cães rafeiros, será obra apenas de um providencial movimento de hygiene. E' lhes, portanto, de vital necessidade, o entrar-nos a incoercivel marcha da civilização... O exemplo da França e de outros paizes europeus, resoa-lhes a sussurro avisador...

Mas o que mais revolta, o que superexceita a indignação a alturas desmedidas, é a audacia inconcebivel desses parasitas virem violentamente derrancados, após exsugações seculares, do seio da



AD MAJOREM DEI GLORIAM

velha Europa exercer aqui, protegidos pela nimia generosidade das nossas leis, a sua arte diabolica de immiscuir-se em negocios íntimos de nossa vida que, quando não outro sentimento mais elevado, o proprio medo lhes de vera prohibil-o.

Surgindo hoje, pois, esta folha mira pôr um paradeiro á onda cada vez mais invasora do padre, e com este nome comprehendidos quantos frades, bispos, arcebispos e cardeaes que, com desplante, nunca de se imaginar, desrespeitam o que ha de mais sagrado em nossos symbolos, como a bandeira da Patria e desvirtuam o que ha de mais elevado em nossos sentimentos como o applaudirmos um homem da eminencia de Enrico Ferri.

Nós já sabemos o que elles dirão, ao ler este jornal: obra de demonios, de incréos, de isto e aquillo, quantas baboseiras lhes

suggerir a perfidia do animo mal ferido. Dirão que o attentado á bandeira, sendo cousa insignificantisima, constitue mero pretexto para a eructação de sentimentos anticlericaes, e que o aviso de Kruse é o grito do anjo da guarda que nos acode em auxilio... Mas nós não ligamos mesmo a taes factos a importancia que não teem. Aproveitamos, apenas, o ensejo que nos deparam de carregar, contra o castello negro, o melhor de nossas armas, num combate renhido e sem treguas.

Precisamos salvar o paiz da miseria que o aguarda, se isto continuar, sem protesto e sem um brado de alarma. Hontem não queriam que fossemos a Santos cumprimentar Enrico Ferri.

Hoje não consentem que a bandeira brasileira penetre os portaes das egrejas. Amanhã... amanhã pretenderão substituir o sr. Affonso Penna pelo sr. Arcover-

dellas, e protegidos por ellas, acendamos a almenara do combate por toda a parte, na imprensa e nos comícios populares, na rua e no lar, vibrando com denodo infatigavel as ascumas do nosso humanitario combate contra essa terrivel praga.

E isto façamos já antes que elles atarrachem de vez, no amago do paiz, o sordido instrumento de suas horriveis traficancias. Porque depois será tarde. E ninguem saberá, então, qual será o destino infeliz de um povo que assim se deixa invadir pela sotaina, quer dizer a exploração de toda casta, o vilipendio de toda ordem, anegregando o horizonte em cujo céu brilha o Cruzeiro, porque os indifferentes e os covardes, mais ainda dos que os beatos, concorreram uns com a sua ingenuidade, outros com o seu egoismo, para o esgalhar frondescente da arvore maldita!

POMBAL.

de. Porque a desmedida ambição dessa gente não conhece limites e a sua audacia é simplesmente assombrosa!

Não, não é possível adiar para mais o momento da santa revindicta!

Compentre-se cada qual de que é um dever de consciencia, um dever decorrente da propria vitalidade patria o impedirem se por todos os modos, os impetos absorventes da formidavel potestade negra!

Reimplantem-se, em todos os corações, as idéas liberaes da justiça e da liberdade. E em nome

Carta aberta a Sua Eminência

o Cardeal-Arcebispo

Vossa Eminência é dum cynismo arcebispaal e fiammaante; há-de perdoar, por isso, que rasgadamente eu me permita esta meia-columna de vituperio e cavillação.

Pôde Vossa Eminência ir descaçado: não direi coisa nenhuma do Evangelho de bandalhices, de que muita gente o considera o pregador praticante...

Enluarar de alegria o triste coração sensibilissimo dos pobres — era o programma dum galilou muito meigo, muito austero, muito luminoso...

E' prostibular e grotesca a maneira como os apaniguados de Vossa Eminência põem por obra o nazarethnico programma?

Não n'ó posso dizer; nem lhe direi que Elles são, junto á castidade taciturna de certos lares, os embaixadores da Crápula e da Infâmia.

Não conversarei dos loiros conegos pudendos que rezam missa, todos os dias, numas tantas, resplandescentes, esplendorosas cathedraes de carne...

Estas letras unicamente vizam pedir se me nomeie interessado nos lucros das christianissimas tranquiernas de Vossa Eminência.

De Vossa Eminência,
devotissimo servidor penhorado,
SIMÃO CRAVEIRO.

O PADRE

O padre é ave de rapina esvoaçando, ha seculos e seculos, sobre o immenso pavor da consciencia humana...

Acorrentou, soneiroso e tartufo, omnipotente e terrivel, em todas as epochas da Historia, a alma das multitudes e a ganancia dos governos ao polvo escravizador e tentaculizante que é o Vaticano.

O padre é o algoz dessa formosissima creatura revolucionaria, o apostolo do anarchismo — Christo, o meigo.

O padre, reptil sem sexo, Harpagon de sotaina, é a inquisição.

E' a superstição, é o entrave da marcha desse sol — o Socialismo, é o forjador hediondo desse inferno de blasphemias á Natureza — o cathecismo.

O padre é a Igreja,
E' o confessorio, é a ladainha, é a procissão, é o convento, é, oh! Jesus, — o seminario...

O padre é Torquemada, é Borgia, é Ignacio de Loyolla, e é, contemporaneamente, Gazineu.

E' repellente, parasita, sugador e poderoso.

Crocitando agora, em bandos de corvos, sobre esta Patria joven e extremecida, um alarma viril lrompe da Mocidade: *morte ao jesuista!*...

Que nos protejam as sombras sagradas de Pombal, de Garibaldi e de Saldanha Marinho!

E que á «Bomba» jornal substitua-se a bomba material, dynamite mil vezes mais proficua e energica.

Danton.

Esbofeteemos a canalha...

Mais um grito indignado de revolta se levanta contra os astuciosos representantes de uma religião de mentiras.

Já a mocidade não pôde mais abafar o rugido tesmpestuoso de um formidavel protesto contra a onda avassaladora que tudo destróe, que tudo aniquila, que tudo corrompe.

Ai, de nós e do nosso futuro si não fosse a altivez e o patriotismo dos jovens brasileiros,

PALHAÇOS

Alagado em suor, tropego de cansaço,
Como um clown infeliz, vae um conego a frente,
E de um sol de Novembro ao calido mormaço,
A canalha o conduz carnavalescamente,

Burguezes de careca ao som de uma charanga,
Seguem de côco nú solemnemente a passo,
Dentro de balandraos ridiculos de ganga,
Tonys de pantomima escoltando um palhaço.

Essa gente, que tem ares de gente séria
E emtanto representa a infame palhaçada,
Povo, zomba de vós e da vossa miseria.

Vamos, ó multidão, que essa corja domina,
Correi a pontapés e correi á pedrada
Os ladrões de casaca, os histriões de batina!

GANGANELLI.

A' CLERICRAPULA

Clericrapula immunda, é para vós A BOMBA,
Que estrondosa, tremenda e formidanda tomba,
Do alto do nosso Odio enorme e nosso Nojo,
Sobre o charco moral, onde arrastaes de rojo
A sapésca hediondez e a viperea peçonha
Da vossa hypocrisia e vossa desvergonha.
Não procureis fugir: é excusado tentardes,
Velhacazes poltrões, deslavados covardes!
Não vos vale implorar do velho Padre Eterno
Guarida e protecção: no céu como no inferno,
Na igreja e no convento, em procissões nas ruas,
Havemos de cuspir nessas carécas nuas
Os escarros da chufa; e os rafeiros da troça
Hão de, implacaveis, pôr em frangalhos a vossa
Ridicula sotaina. O Pio do Vaticano
E' capaz de morrer de syncope, o marrano;
Vae ficar o Arcoverde... amarello de medo;
O poeta do S. Paulo, o «enfant-gaté» Manfredo,
Contra os hereges vae ejacular bravatas
E ternos madrigaes de consolo ás beatas;
E a Santa Madre vae ordenar que se ferre
O Kruz para melhor escoucinar o Ferri...

A BOMBA é para vós, padres e fradalhaços,
Histriões de pantomima, indecentes palhaços
Da atellana immoral—A Religião Catholica,
Que impingis aos sandeus; ella é a imagem symbolica
Do nosso coração, que explode-revoltado
Contra a vossa miseria; ella é o terrivel brado
D'alma da multidão, sacudindo arrogante,
Qual rebelde jaguar, vosso jugo infamante;
Ella é a Consciencia Humana — aguia que se liberta
Do captiveiro—a ampla envergadura aberta,
E voa para o immenso azul da Liberdade,
Livré do dogma—jaula onde a perversidade
Dessa canalha vil da Igreja a encarcerára;
Ella é o chicote que ha de vos cortar a cara,
Mastins do Papa; ella é o Marquez de Pombal,
Num gesto de titan, dando o golpe mortal
Nessa quadrilha — a Companhia de Jesus;
Ella é a luz da Verdade, a redemptora luz
Do espirito humano; ella é o hymno de guerra
Que soa, conclamando á lucta, e vos aterra;
Ella é o pamphleto; ella é o incendio; ella é a explosão
Da Razão vingadora—ella é a REVOLUÇÃO!

DIAVÓLO.

O que seria deste immenso Paiz, si tivessesmos a certeza de que todos os governos seriam, como até hoje o foram os governos republicanos, criminosos protectores de uma seita, que tudo impõe, mas que nada tolera.

Ahí está a Hespanha, empobrecida e sem esperanças no futuro, porque mais de cem mil frades lá estão sugando a ultima gotta de sangue daquelle organismo depauperado e obumbrando com a sombra tétrica de suas batinas a luz immensa do seu passado glorioso.

Está em plena actividade o vulcão europeu; daquelle cratera immensa o enxurro é despejado todos os dias e, por entre as lavas incandescentes, chegam a esta terra os Kruzes e quefandas immundicies, que emporcalhavam os monturos do velho Continente.

Pedimos braços para a nossa lavoura e elles nos mandam frades para os nossos conventos; pedimos gente que aqui venha ganhar honradamente a vida e elles nos remettem santos de gazúa para, quando mais não seja, inventar bororós e engasopar a multidão estupefacta; pedimos homens que venham compartilhar da nossa felicidade e da nossa desventura e elles nos empurram typos degenerados, que vêm assaltar as nossas algibeiras para viver como gente rica e para devolver o resto para os cofres do Vaticano.

Era impossivel, pois, que, por mais tempo, perdurasse o silencio da mocidade brasileira.

Já não é possivel tolerar mais a consumação de tantos abusos.

Esbofeteemos a canalha e, si naquellas caras deslavadas, não se notar um vislumbre sequer de brio e de vergonha, lancemos mão dos ultimos recursos, obrigando os detentores do poder a zelar um pouco mais pela nossa Constituição.

Ella é em extremo liberal, admite todas as crencas, mas não permite que o governo republicano se colloque tão escandalosamente ao serviço dos mais declarados e perigosos inimigos da Patria.

Ataulpho Braga

A GAZINEIDA

Farça a vapor

EM
5... MINUTOS

Passam-se as scenas num lobrego bordel de uma ladeira escusa de S. Paulo. A horas mortas de uma noite tragica. Vento, Chuva, Trovões.

I

Em baixo, no pavimento terreo, expondo á porta a nudez syphilitica, cabeceiam sordidas maraionas somnolentas. Passos na calçada, fóra.

Alvoroco entre as rameiras, Cadellas em cio e esfomeadas, á disputa de um osso.

— Venha cá... Pst.
— Pst. Venha cá...

II

Em cima, no sobrado, um monturo ascoroso de pannos pretos sinistros e de carne humana suarenta, a resfolegar macabramente, assentando rotunda pança ao longo do assoalho, e a ageitar um olho obscuro de satyro lascivo numa greta entre as taboas, sobre o alcouce... E' o padre Gazineu.

III

Padre Gazineu escorrega-se de manso por uma escada estreita e tenebrosa, até a porta do quarto onde se passou a scena por elle observada pela fenda...

Abre-se a porta.
— Olá! O Rev. do por aqui? Nestas regiões suspeitas?!,
— A' espera do dinheiro...
— Hein? Do dinheiro?!,
— Sim: do aluguel, que a madama não me pagou ainda...

(Desce o panno)

NOTA DO AUCTOR

E' vezo perigoso dos Srs. da critica literaria descobrirem, no pensamento dos que escrevem, idéas que estes não tiveram nunca.

Por essa razão rogamos aos leitores que não queiram ver, na nossa modesta

peça, nenhuma *arrière pensée* occulta em symbolismo de qualquer especie.

E isto aqui dizemos por prudencia, porque certos espiritos malignos poderão pretender symbolisar na meretriz — a Santa Madre explorando o povo, e no Reverendo — o Papa explorando a dita Madre...

Penna Mallat

PRESENTE DE GREGOS...

Não acham vocês symptomatico esse caso de prohibir um sacerdote catholico a entrada da bandeira em a cathedral? Sobre ser revelador duma ineptia assustadora, é característico do desleixo com que, entre nós, se tem encarado o problema do clericalismo.

Emquanto, em outros paizes, são os padres apupados pela multidão e expulsos pela sua perniciosidade social, nós os recebemos de braços abertos, sorridentes, confiantes, como si fossem elles excellentes dadivas desse Deus misericordioso, pela nossa grande intenção de o amar e servir. Um verdadeiro presente de gregos.

Encantadora terra esta! Nunca se desconfiou aqui que a religião das multidões, ou, antes, das nações, não é producto da consciencia, mas filha do acaso.

Não fossem portuguezes os colonizadores deste paiz, e, talvez, a esta hora, em todos os lares, se sorrisse da chateza, da malvadez desses urubús de crenças, que, como aquelle enorme corvo da novella fantastica de Edgard Poe, ao pizarem terras brasileiras, voltam um olhar para traz, e, num desabafo, soltam as duas palavras dum fatalismo aterrador: Nunca mais!

Nunca mais! Nunca mais abandonarão a ignorancia deste povo fanatico, que lhes enche o bandulho, enriquecem os filhotes do Vaticano, e ainda os tratam com as maiores distincções, dispensando-lhes toda a commodidade e bem estar, mandando-lhes contar os seus peccados, as suas faltas, as mulheres, as filhas, as mães!

Anestesiados pela docura magna de representar o Christo na terra, commettem, em nome daquelle, que foi sempre um homem de bem, as maiores atrocidades, as maiores inclemencias, envolvendo a religião do messias numa aureola de sangue e lucto.

Degenerados, mataram o affecto da familia nas quatro paredes das cellas, num paroxismo de eunucos, jurando dominar e apoderar-se de tudo, espalhando nas almas fracas o veneno do medo e do terror.

Si, para elles, a familia é um embuste, a patria não passa duma concepção idiota dos taes philosophos revolucionarios, unicamente capaz de manter um governo constituído, que lhes não dê a administração dos negocios publicos, mas lhes permita explorar o povo, mercadejando missas, almas, relicarios e todos os symbolos milagrosos, numa ancia babelica de augmentar as rendas das congregações.

Monstros de cynismo, exploram a humanidade, barbaramente, impiamente, recomendando o desrespeito á ordem juridica e social, numa campanha desleal, estúpida, retrograda.

Dum sensualismo espirital bastante refinado, gozam as torturas, os soffrimentos dos mortaes, apparecendo-lhes, de roldão, como a taboa salvadora, prometendo-lhes, em troca duma confissão, o reino todo do céu, povoado de anjos, de virgens, de vida, de luz, de amor...

E, por uma ironia empolgante, elles se dizem enviados de Deus, como si o ser perfeito fosse capaz de mandar aos crentes, aos devotos, aos papa-hostias, que uzam de hora em hora, inalteravelmente, todas as contas dos rosarios... um verdadeiro presente de gregos.

Clemenceau da Silva

Desinfectando...

O pasquinorio salaz, que serve de cloaca ás fétidas trampas do ultramontanismo encapotado e de batina, anda a provocar-nos, de ha muito, um valente jorro

hygienico e saneador de desinfectante.

Surprehendemos, ha dias, nessa torpe sentina, extaticamente accorado, os olhos caprinos esbugalhados de sensação genital, contorcendo-se em estremeções de solitaria volupia, um casto coroinha, lascivamente a ejacular escorrencias apologeticas do seu amado mestre — Onan.

Propunha-se o cretino a accaciar sobre a incredulidade dos moços de hoje.

Do alto da sua irrisoria ineptia, vomitou sobre essas pobres victimas meia duzia de sandices indigestas e insolentes. Sobretudo insolentes.

Sinão vejamos:

«Oh! belleza do catholicismo, onde floresceram os maiores genios da esthetica e da sciencia...

O' mocidade, porque não o aceitaes?

A vossa resposta, para ser sincera e racional, deve ser unicamente esta—Não cremos, porque nunca folheamos um livro de religião, não conhecemos o systema catholico; procuramos sempre os livros impios, lêmos romances realistas e poetas sensuaes; somos ignorantes, presumpçosos e orgulhosos, afeitos a este modernismo, que apregôa as modas e os sports, manda rasgar os livros — assassinando a intelligencia.

Não temos lido as obras de exacta sciencia: desconhecemos os grandes mathematicos, os grandes geologos, os grandes historiadores, ignoramos estes luzeiros da sciencia humana, «que não sabiam dar passo na ordem intellectual sem jogar um olhar para o Autor de todas as luzes, que não escreviam uma pagina onde não deixassem a palavra Deus».

A nossa incredulidade nasce da nossa profunda ignorancia».

Sem commentarios.

Assim deveramos terminar, deixando ao desprezo dos moços a resposta a essa tirada do lorpa, si nos não cumprisse tambem lavar a Academia de Direito da infamia negra com que tentou maculal-a o latrinario organ da sotaina, pretendendo ver dentro della a predominancia do padre.

A mentira catholica não dominou nunca sob as liberrimas arcadas gloriosissimas. Não dominou, não domina agora, não dominará jamais.

Prova d'isso—ahi tiveram nesse altivo ponta-pé com que a mocidade indignada castigou o atreviçao abbade de S. Bento, pela sua arremetida de cão leproso contra Ferri. Prova d'isso—aqui a tem a tropilha clerical nesta explosão d'A Bomba, violenta e punidora.

A. THEO.

Um phosphoro para "A Bomba,"

Ouvi um dia, na Sé de S. Paulo, dito com descarro repellente, e em audaciosa injuria aos que têm intelligencia e bom senso, que «a religião não teme a sciencia, teme a ignorancia»...

Como si, della somente, não vivesse! Só teme a ignorancia, essa religião encapuzada sempre, com um passado infame de lagrimas, sangue e trevas!...

Só teme a ignorancia quem, rodeada pela muralha eterna, de uma crença

absurda, se insurge contra um pouco de luz, bruxoleante ainda, que vê brilhar aqui, em S. Paulo mesmo, quando, em esforço louvavel, a Associação Feminina demonstrou, prescindindo de annuencia sua, qual o meio mais pratico que nos assiste para nos defendermos do jugo pesado em que vivemos para conveniencia da Igreja, que se apossa de esposas e filhas, inoculando nellas a peçonha que querem seja transmitida de gerações em gerações!...

E assim ha de ser, enquanto não se compenetrarem os que tiveram força bastante para abandonar idéas que de ha muito deviam estar banidas do seio dos povos civilizados, que é preciso reflectir na pratica, os ensinamentos que a razão esclarecida recebeu.

Srs. pais de familia! bani das occupações habituaes dos vossos a brutalidade tyrannica da confissão ao padre; dai aos vossos os recursos para limpar de nuvens negras a intelligencia dessas tenras creaturinhas, tão cedo enclausuradas no carcere roqueiro da mentira, que só vive pela baixesa, pelo interesse e pela falta de instrucção.

Vêde que attentado estúpido á sciencia e ao bom senso, nos nossos dias, quando dezenas e dezenas de victimas são devoradas pela variola, a Igreja, impudentemente, n'uma crueldade atroz, manda debellar o flagello, fazendo crer, oh, infamia! na existencia de um Deus capaz de tanto mal para tão pouco bem!

Vêde como são tratados os emblemas da nossa nacionalidade; confessam em publico todo o horror que lhes causa o progresso, levantando ondas de medo no mar morto das suas concepções anachronicas!

E' preciso que vos agiteis, que façais ver aos governos desidiolos que os considerais criminosos, na sua indifferença permitindo a entrada dos expulsos de de outros paizes mais avançados, e cangados já da oppressão infernal d'esses sem-patria, no nosso, que tanta necessidade tem de se não desenvolver na escuridão, mas á luz vehemente da verdade. E que não venhâmos nós, em curto prazo talvez, ter em braços a questão religiosa que tantos males causou á França; quem nos garante que havemos de ter homens, como Clemenceau— intemerato batalhador na cruzada santa pro libertação espirital — si não começarmos, com coragem, e desde já, a trabalhar nos alcerces da fortaleza em que nos havemos de abrigar — a Instrucção?

Mas, a instrucção sem pejas, livre de superstições letas, estendida á mulher — vehiculo facil para transmissão das lobregas intenções clericas — arrancando-a assim das mãos funebremente habeis dos padres, e matando pelo ridiculo os santarrões mundanos, que batem no peito e se alimentam de hostias...

Vêde o alvoroço que Ferri, o homem de sciencia, produziu nos arraiaes do bando negro... mas fiquemos por aqui; esse rosario immundo de audacias e pavores, causa asco; deixemol-o por hoje; trabalhemos pela Verdade, trabalhando pela Instrucção!

S. Paulo, 18—8—08.

Almo

Conselheiro Ruy Barbosa

O PAPA E O CONCILIO

Excerptos

Maior que todos os problemas deste seculo, a questão *religiosa*, de que nada sabemos ainda ha pouco senão pelo echo das suas agitações n'outros paizes, começa agora, no Brasil, a occupar com certo interesse os animos, na limitadissima fracção desta sociedade que lê e reflecte em cousas publicas.

Infelizmente, porém, muito longe estão ainda os nossos estadistas de perceber o alcance do assumpto e as vastas proporções da solução que reclama. Afeitos á esterilidade de uma politica perpetuadora de abusos

e hostil ás reformas sinceramente liberaes; educados n'uma praxe governativa em que as transacções têm por base o sacrificio dos grandes interesses communs a influencias privadas; descrentes, por um sentimento que a tradição historica e a experiencia pessoal mais ou menos explicam em todos elles, da possibilidade de qualquer movimento nacional n'um paiz onde a publica opinião não tem energia, nem consciencia de si, nem habito de tomar contas ao poder ou aos partidos; alimentam ainda a esperanza de obviar ás difficuldades da lucta clerical com recursos de occasião e providencias administrativas. Não vae aqui censura a todos os nossos homens de estado, alguns de reconhecida probidade e altas virtudes civicas; porque é certo que as noções fornecidas pela historia, enquanto em exemplos de casa lhes não palpamos a realidade, incapazes são de si sós, por via de regra, de imprimir a espiritos practicos impulso eficaz e decisivo. Apenas, sem reeriminar, mencionamos o facto; porque essa mesma imprevidencia, que a novidade da questão entre nós, até certo ponto, desculpa, ha de, todavia, concorrer para complical-a, deixando que o mal, primeiro que lhe percebam a energia, lance, e aprofunde raizes.

Esse facto é a organização actual da igreja romana, a sua presença inevitavel entre nós pelo clero, pela sua acção subterranea e multiplice n'um povo, como este, cuja educação, sceptica nas classes mais ou menos cultas e supersticiosa nas inferiores, prende-o, parte pela mesma inercia da indifferença, parte pela irreflectida adhesão da ignorancia, aos pretensos depositarios do catholicismo.

Para destruir esta conclusão nossa, mister será provarem-nos primeiro que a igreja pontificia tem conservado puro do contacto do seculo o seu character espirital. A realidade, porém, está na these contraria; porquanto a curia romana em todos os tempos tem sido uma potencia, apenas nominalmente religiosa, e sempre intima, essencial e infatigavelmente politica. A religião, a auctoridade moral não é, ha muitos seculos, para o papado, outra cousa que occasião, arma, pretexto de ingerencia na administração temporal do estado. Isso, um rapido exame historico vai nol-o demonstrar.

O consoreio do liberalismo com o catholicismo é, segundo a orthodoxia pontificia, uma alliança de forças oppostas, contradictorias, incompativeis, um producto hybrid, imaginario, incapaz de vida. «O mundo não terá mais paz», diz um dos mais proeminentes intérpretes do ultramontanismo, «enquanto os *pretensos direitos do homem* não forem queimados pelo algóz, e o *Syllabus, essa exposição sublime dos direitos de Deus*, não tornar-se a lei fundamental dos estados.»

Tudo quanto, no catholicismo, era puro, divino, singelamente sublime; tudo quanto propendia a estabelecer essa união interior do homem com Deus, que é a essência do culto christão, obliterou-se, ou proscreeu-se. O que ficou é uma symbolica sem alma e sem verdade, pasto á credulidade supersticiosa das classes iguerantes e manto ao scepticismo dissimulado e calculista da minoria illustrada. A tunica inconsutil, o santo propucio, as imagens animadas, as aguas prodigiosas, os escapularios, têm benções publicas do papa; as peregrinações atravessam em canhão de ferro as grandes capitães do mundo civilisado; a imprensa clerical propaga historias de endemoninhados e exorcismos; as indulgencias liberalisam-se com uma prodigalidade, que não cede talvez em despejo ao tempo da Reforma; o abuso das ceremonias exteriores e dos sacramentos furta o tempo ao trabalho, e turba a felicidade, os deveres intimos do lar; todos os segredos, emfim, da musica, da luz, da pyrotechnia, do apparatus militar, todos os apuros do luxo, todas as seducções captivadoras dos sentidos se combinam, e requintam, e baratêam, para converter a religião, de uma homenagem espontanea e immaterial do espirito a Deus, n'uma festa inextinguivel, ruidosa, embriagante, incompativel com a comunicação reconcita e silenciosa das almas com o Creador. Deante de mythos risiveis ou blasphemos o ultramontanismo prostrase, extasia-se, e ora. Se o trafico mercantil da hypocrisia, ou o fanatismo da estupidez inventa alguma credence nova, seja embora absurda, infantil, irrisoria, os organs da seita batem submissamente aos peitos, e solememente adherem á mentira. «Não creio só», diz Veuillot, «na *subordinação* do poder temporal ao poder espiritual e á infallibilidade do papa: creio tambem na liturgia romana, nas immundades do clero, na dizima, nos *malefícios*, na bulla *In cæna domini*, nas ordens mendicantes, e *n'esse pio mover de olhos das madonas* cuja festa a igreja celebra. Aceito, em summa, e admiro *tudo* quanto ha feito o papado, como *verdadeiro, santo e útil*»

Com um clero e um jornalismo que especulam assim com a ignorancia, — a credulidade popular corre sempre o risco de tornar-se um instrumento perigoso contra a ordem e a liberdade. Por muitos seculos mais, e sabe Deus se não para sempre, aquelle *paraíso dos néscios*, ideado por Milton, terá de ser ainda o dourado sonho da multidão. A diffusão, a infiltração da sciencia, do habito de reflexão individual no seio do povo é laboriosa e lenta como as estratificações geologicas. Muito ha que esperar, portanto, ainda, o tempo em que o fanatismo religioso seja apenas uma recordação historica, e a humanidade contemple de longe, rindo, essas puerilidades da superstição.

retics, beads, indulgences, dispenses, pardons, bulls The sport of winds;

porque ellas correspondem ao instincto do maravilhoso e do sobrenatural, que na imaginativa inculta das turbas e das creanças, representa uma função consideravel da natureza. E' assim que o polytheismo greco-romano continuava a exercer uma acção repressiva sobre o vulgo, quando muito havia já que a incredulidade era geral entre os homens esclarecidos, e os arripices riam-se de si mesmos. Um dos recursos mais poderosos da dominação romana entre os paizes catholicos é esse; porque, extinta a fé em toda parte, e disseminada, nas camadas superiores, a indifferença, nas outras a mais deploravel idolatria, as conveniências privadas impõem de ordinario aos espiritos reflexivos e doutos um silencio, uma apparencia de respeito á corruptela do culto privilegiado, que subministram ao ultramontanismo todas as vantagens de uma propaganda sem contradictores.

O outro, e ainda mais formidavel theatro das missões jesuíticas é a familia. Aqui, como em toda a parte, essa influencia se está diariamente sentindo. A mulher e a creança vão-lhe caindo nas mãos, com tanto mais facilidade, quanto, n'este, como, por via de regra, em todos os paizes do culto romano, o sacerdocio domestico do pae de familia fallece absolutamente. Quantos infortunios, desses que o tecto do lar esconde a olhos estranhos, mas que amargam tão nobres affectos, destroem tão legitimos direitos, e inutilisam tantas almas; quantas dessas desventuras, caladamente devoradas, e escondidas cuidadosamente a publicidade, não têm deixado entre nós, na sociedade privada sulcos dolorosos e profundos! Quem não haverá meditado uma vez, ao transitar deante desses templos continuamente abertos, illuminados, rumorosos, cheios de vózes feminis, sem que o coração se lhe aperte, e o patriotismo se lhe escureça de afflictivas apprehensões? Aquellas horas monotona e esterilmente consumidas n'uma devoção automatica e cega são outras tantas horas subtraidas ao dever. A casa, triste, perdeu a sua Providencia. Decae, empobrece, desmancha-se. A mãe de familias christã já não é mais: trocou-se na penitente, rigida, desapegada dos amores da terra, abysmada em tribulações asceticas, insaciavel do mysticismo, fria entre as caricias do consorte e da prole, com os olhos para o outro mundo e o pensamento mais nos jejuns, nas litanias, no rosario, no mez mariano, do que na educação dos filhos e no affecto conjugal. A confiança, privilegio necessario do esposo, vinculo essencial da alliança das duas almas, repartiu-se com o confessor, ou empregou-se toda n'elle. A par da auctoridade marital ou paterna, hombro a hombro com ella, instaurou-se o tribunal da penitencia. Assumiu a si voto deliberativo, que, cedo ou tarde no governo domestico, lhe conquistará o de qualidade.

Ensinada n'um collegio de orago ultramontano, a filha traz consigo o mesmo desamor, o mesmo desdem, a mesma repugnancia, o mesmo medo á familia. Teve-se de querer demasiado aos paes. O Deus irritado, egoista e cioso do mysticismo não lhe consente affeições da terra. A virgem, murcha a formosura, a graça e a candidez do coração, envelhece em flôr. Vê entre si e os progenitores as chammas do purgatorio, entre si e o desposado as do inferno. Reza avida e machinalmente; frequenta a mesa da eucharistia; filia-se ás confrarias de todos os *sagrados corações*; distrae dos desvalidos a caridade para as collectas clericas; abomina ou despreza as prendas, perfume do seu sexo; confunde a amabilidade com a impureza; estuda alheiar-se aos instinctos, ás funções, aos destinos civilisadores, que constituem a sublimidade e a condição ingenita á mulher. Em vez da familia natural, em cujos affagos não vê senão tentações mundanas, e cujos membros esquiva como outros tantos perigosos rivaes da divindade, ensinam-lhe a buscar no *Flos Sanctorum* uma parentela inoffensiva de protectores entre os bemaventurados da côrte celeste. E' o ideal jesuitico da moça. Inutil, beata, descaridosa, impassivel, não passa, quando muito, de um casamento rendoso para algum hypocrita ultramontano, para algum parasyta de sachristia, para algum instrumento de enredos clericas.

No meio de tão insondavel desgraça, a situação do chefe da familia é quasi inevitavelmente irremediavel. Ou resiste; mas não n'ó póde fazer quasi nunca sem luctas despedaçadoras, sem feridas quasi sempre envenenadas, sem o resfriamento das affeições mais gratas, sem a consumpção precoce da vida, sem a dissolução, muitas vezes, de laços queridos e santos. Ou, fatigado, dilacerado, desesperado, deixa cahir os braços, e vê, na extrema apathia de um desalento sem cura, alienarem-se-lhe da alma os entes mais charos, mallograrem-se-lhe as ambições mais puras, quebrarem-se-lhe todos os liames, que, n'este mundo, nos prendem á existencia, ao trabalho, á patria. Ou empesta-se da mesma infecção, affaz-se ao veneno, gosta-o, e transmite satisfeito aos filhos o contagio do seu aviltamento moral. Deixae crescer e succeder-se as gerações educadas sob este regimen de servidão de espirito, e acharvos-heis, sem falta, no Paraguay, nos Estados da Igreja, ou nas Felippinas.

Com estes dous pontos de apoio, a multidão idiota e a mulher desnaturada, urde pacientemente o clericalismo a sua politica escorregadia, tortuosa e audaz. Nenhum sentimento humano o detem. A historia destes ultimos cincoenta annos está cheia das assolações desta praga, dos crimes desta conjuração.

Com alguma alteração nos toques, é o esboço do nosso estado moral. Diferença apenas de grau, de intensidade, e mais nada. Um pouco menos de sombra, um pouco menos de côr, e o quadro é irreprehensivel. Não temos ainda esses concentrados rancores contra a sociedade que o fel das servidões seculares adensa lentamente na alma do povo, essa comprimida e explosiva sarça da miseria, embrutecida no fanatismo e no captivo, contra tudo o que é alto, e intelligente, e brilhante, e antigo, e venerando, e puro. Esse, porém, é o periodo extremo do cancro religioso entre as nações longamente educadas na theocracia. Ainda não chegámos lá. Mas os primeiros symptomas do flagello estão comnosco. A plebe é ignorante e crendeira; as outras classes, indifferentes ou incredulas. **Entrae numa casa de oração.** Lá está o luxo, a adoração mechanica, a devoção sensual; profundo recolhimento da alma deante do Deus vivo, não. Observem os assistentes; distinguirão perfeitamente o curioso, o distraído, o conversador, o peralta, o beato, o observador correcto das conveniências sociaes; mas o fiel, absorto, alheio ao mundo exterior; mas, como nas cathedraes americanas, essas assembléas ferventes, aniquiladas na prece, por onde apenas perpassa o murmuro da emoção intima, como o balbuciar mysterioso do abysmo invisivel no oceano contemplativamente immovel e silencioso, — isso é o que em balde buscareis. Educação religiosa, instrucção christã, privada ou commum, absolutamente não n'a conhecemos. Penetrae sob o mais respeitavel tecto: haveis de encontrar o oratorio, o terço, a cinza benta, o jejum com as pingues consoadas; haveis de ver esperada, com alvoroço ou frieza, como horas festivas entre a quotidiana monotonia domestica, ou simples satisfação de um habito material, a missa, a procissão, a prédica. Mas esse preoccupar-se seriamente com os interesses superiores da alma, essa fé espiritualista, repassada de esperanças immateriaes, esse perfume de um sentimento ao mesmo tempo severo e consolador, essencialmente embebido em todas as affeições, em todos os pensamentos, em todos os actos; todas essas condições divinas do verdadeiro christianismo são estranhas aos nossos, costumes. **Visitae agora a eschola:** a que se reduz ahí o ensino christão? Ao catholicismo apenas, embutido machinalmente á memoria como o alphabeto ou os algarismos. Que gerações sincera e utilmente christãs não ha-de gerar um mundo aparelhado assim! De gráu em gráu, nos engolphamos progressivamente na funesta incuria desses deveres supremos. Nas necessidades espirituas, nos destinos eternos da humanidade ninguém reflectidamente medita. A não ser que o negror de alguma grande calamidade geral apavore os animos, ou que um desses golpes intimos que prostram o homem até ao pó, e enluctam o lar, encha de fel inconsolavelmente os corações, a não ser sob a pressão deprimente da agonia ou a do terror, o culto não existe senão sob as suas apparencias pagãs.

Esse clero, a quem as honorarias do estado rodêam de todos os emblemas de preeminencia e venerabilidade, não tem nem a evangelica superioridade moral, nem essa reputação a que alludia S. Paulo. Desacreditado, ignorante, vicioso, pelos proprios chefes diocesanos é publicamente exauctorado, posposto á colonia de padres forasteiros, que invade a parochia e o magisterio. Nas proprias igrejas está materialmente estampada a decadencia do culto. Salvo sómente onde algum orago milagreiro ou alguma confraria opulenta apura a superstição ou o amor proprio em sumptuosas exterioridades, — salvo ahí, mal dissimula a casa do Senhor, sob os pretenciosos europeis da indigencia, o desleixo dos fieis.

Vêde os institutos de ensino directamente filiados á igreja romana, — charcos moraes, onde a cachexia ultramontana atrophia as almas á puericia.